

Fotografia & História Cultural: Uma janela aberta para o mundo

Ivo Canabarro¹

Resumo: O artigo aborda a relação da fotografia como a história cultural, pois os primeiros trabalhos sobre fotografia no Brasil foram realizados com o embasamento teórico e metodológico da História Cultural. Mais tarde, a fotografia começou a ser aproximada da cultura visual, dando suporte para as discussões sobre suas utilizações nas ciências humanas. Num primeiro momento, algumas discussões sobre o campo da História Cultural no Brasil, e a seguir, a fotografia no panorama cultural e suas utilizações para a produção do conhecimento, nos dando uma noção de sua expressão cultural.

Palavras chave: Fotografia; Cultura visual; História Cultural.

Photography & Cultural History: An open window to the world

Abstract: This article approaches the relation of the photography as a cultural history, because the first papers about photography in Brazil were accomplished with theoretical and methodological basis of the cultural history. Later on the photography started to get closer to the visual culture, providing support for discussions about its utilization on human sciences. Firstly, there were some discussions about the cultural history field in Brazil, next, the photography on the cultural perspective and its use for the knowledge production, providing us a notion about its cultural expression.

Keywords: Photography; Visual Culture; Cultural History.

Introdução: Palavras Iniciais

Os estudos recentes sobre fotografia apontam uma incrível aproximação com a História Cultural. Pode-se indicar dois motivos aparentes: primeiro, porque a fotografia é um produto cultural, segundo, porque é uma forma de expressão e circulação da cultura. Portanto, traz consigo importantes aproximações com a cultura, podendo, neste caso, ser objeto de

estudo da História Cultural porque representa elementos culturais em sua composição e modos de circulação na sociedade contemporânea. A fotografia, como produto cultural, representa todo um conjunto de elementos em seu processo de constituição, instituindo-se como uma mediação entre a tecnologia e as dimensões do olhar. Por outro lado, como expressão e circulação da cultura, contribui nos processos e se constitui como um meio que produz e expressa um conjunto de imagens que nos dão várias visões do mundo, sendo, portanto, uma janela aberta para o mundo.

A História Cultural, tomando como ponto comum de sua expressão o estudo dos diversos tipos de manifestação da cultura, aponta para uma questão determinante: a cultural, em suas mais inusitadas formas de existência. O cultural, expresso nas fotografias, contempla a exposição de uma série de elementos que constituem os mais diferentes momentos da vida cotidiana. Estamos numa via de mão dupla: um elemento cultural, que é a fotografia, e sua mais expressiva forma de circulação da cultura, nos proporcionando ir muito além das representações formais. Isso porque os elementos culturais das fotografias são tipos de apresentação/representação da realidade dos diferentes grupos sociais que compõem esse quebra-cabeça do mundo das imagens: são como pequenos cacos que juntos nos dão a perspectiva de visão de um mundo vivido e imaginado. Os elementos culturais são todos representativos dos diferentes modos de representação dos grupos sociais, são maneiras de vida e mesmo elementos que nos dão uma visão de como os mesmos imaginam o mundo e instituem uma dicotomia entre realidade e realismo.

A outra função cultural da fotografia é a expressão e circulação; isso nos dá uma possibilidade incrível de imaginarmos o mundo como uma experiência visual concebida com a aparição formal da fotografia. A partir de 1839, com o reconhecimento oficial da fotografia na França, o mundo não era mais o mesmo, pois ela proporcionou uma nova forma de conhecimento do mundo e aquilo que só conhecíamos pela escrita passou a ser visualizado também: agora, para além das obras de arte, o mundo passou a ser fotografado e documentado. Na época, concebia-se a fotografia como um registro fiel da realidade, era quase um excesso de realidade, pois apresentava um mundo cru e não mais romantizado como as obras de arte até então representavam. Desse momento em diante, o mundo já não era mais o mesmo, passou a ser mais real e objetivo, com as fotografias nos trazendo as experiências dos povos muito distantes da nossa realidade, sendo a forma mais incisiva de representação e circulação dos modos de vida da população mundial.

A cultura nunca mais foi a mesma depois do advento da fotografia, pois passamos a conhecer o desconhecido, as formas de representação das diferentes populações, tipos sociais, cidades, monumentos e eventos que passaram a fazer parte do mundo social de uma maneira representativa. A fotografia democratizou a memória social, trazendo elementos que também passaram a constituir o nosso mundo social, são dimensões do mundo distante que começam a integrar a nossa cultura, ou, pelo menos, transformaram o modo como passamos a ver a complexidade das distintas realidades. É uma maneira de circulação da cultura que possibilita a constituição de elementos comparativos entre o nosso cotidiano e o mundo distante, é a relação com o outro que nos constituiu como seres de alteridade cultural. Nos primeiros anos de desenvolvimento da fotografia, os fotógrafos pioneiros, que saíram pelo mundo nos trazendo imagens dos outros mundos, foram denominados fotógrafos-historiadores, pois com seu olhar etnográfico começaram a visualizar o mundo desconhecido. Essa experiência é tão reveladora que inclusive, aqui no Brasil, um ano depois do advento da fotografia, já contávamos com esses fotógrafos-historiadores.

A circulação da cultura se torna tão expressiva com a fotografia, que permitiu o conhecimento de realidades há diferentes grupos sociais: uma verdadeira revolução para a história, que, até então, apenas contada nos livros passou a ser visualizada. As remanescentes cidades do mundo antigo foram o alvo preferido dos fotógrafos-historiadores; foi uma forma de efetuar a circulação entre o velho e o novo mundo. Tudo parecia sem limites para a história. E mais, com o tempo a fotografia passou a fazer parte da imprensa e da ilustração de livros, o que permitiu uma aproximação entre o escrito e o visual, muitas vezes com o visual sendo muito mais expressivo que o escrito. A imprensa passou a fazer as fotorreportagens trazendo muitas imagens, ilustrando e explicando as realidades, o acontecido, o cotidiano, os tipos sociais. A fotografia ganhou um *status* tão grande que os fotógrafos passaram a vender imagens do mundo, das cidades, das civilizações, dos monumentos, enfim, de tudo que representasse alguma forma de expressão da cultura: era a fotografia com sua capacidade de documento/monumento.

Para uma discussão mais sistemática sobre as relações entre História Cultural e a fotografia, vamos fazer algumas subdivisões no artigo, como forma de sistematizar didaticamente os enunciados para uma melhor visualização do tema proposto. Num primeiro momento, discutiremos a inserção da fotografia na História Cultural na perspectiva de trazer à tona questões e problemas que a mesma vem colocando nos últimos tempos na historiografia. Num segundo momento, a discussão vai centrar-se na problemática da fotografia como objeto

cultural e, ao mesmo tempo, como meio de circulação da cultura no mundo contemporâneo. Serão apontados alguns caminhos que recuperam a historicidade da História Cultural e da fotografia, para não perdermos o nosso sentido historiográfico dos objetos trabalhados. A abordagem a seguir não encerra as discussões; ao contrário, abre caminhos para novas possibilidades.

A História Cultural em busca de novos sentidos

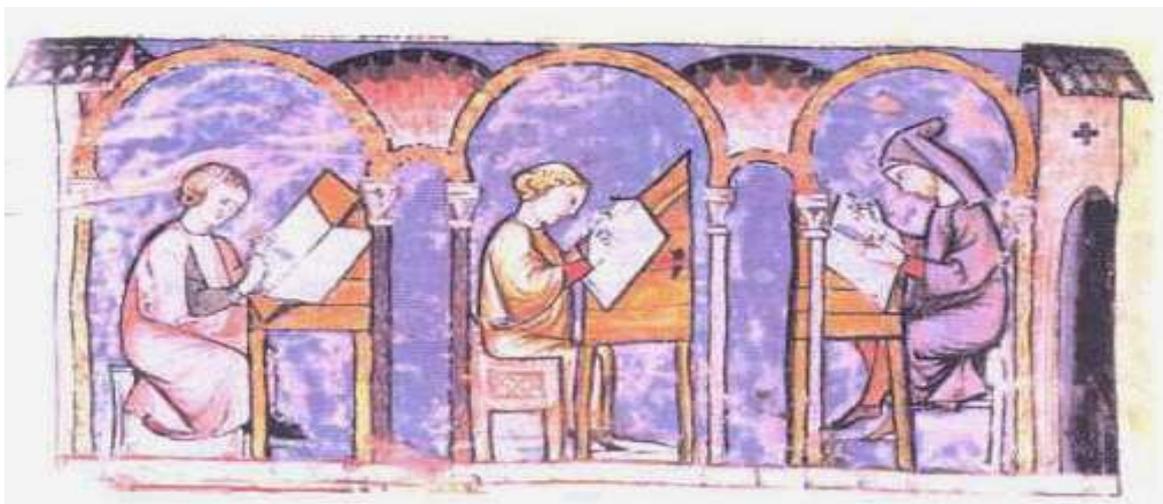
Pensar na História Cultural no mundo contemporâneo é um exercício muito reflexivo, pois nos parece que a cultura está permeando todas as dimensões da sociedade; há muito tempo deixou de ser um mero arranjo e passou a ser parte integrante do mundo social. A cultura, como dimensão do mundo social, não se constitui de modo isolado como queriam alguns teóricos do século XX, ela integra-se às demais dimensões e tem um fator convergente, dimensionando sentidos e significados para as práticas sociais. E está bem distante de teorias determinantes, como queriam alguns teóricos, de que algumas dimensões são preponderantes sobre as outras, ou mesmo determinantes. Esse debate ocupou o cenário nas Ciências Sociais ao longo século XX, hoje não são mais aceitas como válidas, são, no melhor sentido do termo, equivalentes e não determinantes. Acreditou-se, por um longo tempo, que a dimensão econômica determinava toda a vida da sociedade; enfim, foram muitas teorias e teóricos que pregavam seus dogmas nas ciências sociais. Hoje não precisamos mais de dogmas e sim de explicações sobre a complexidade do mundo contemporâneo.

Na longa tradição historiográfica, que perdurou quase que todo o século XX, as dimensões culturais não foram muito exploradas pela História, foi dada mais ênfase pela Antropologia e a Sociologia. Os historiadores sempre tiveram uma certa dificuldade de trabalhar com a cultura, ela aparecia como um arranjo do mundo social e eram enfatizadas algumas questões da cultura mais erudita como complemento nos livros de História. Como também nos clássicos livros de História da Arte, que trabalhavam com questões culturais em modelos mais clássicos e típicos de uma tradição ocidental que separava a cultura do mundo social. Essa barreira demorou muito tempo para ser rompida; foi preciso todo um esforço de historiadores, antropólogos, sociólogos, enfim, cientistas sociais que se interessaram em mostrar que a cultura não se restringe à erudição clássica, mas alcança também o popular e as variedades da cultura no mundo contemporâneo.

Mas romper com uma tradição historiográfica ocidental, que determinava dimensões e atores sociais, não foi uma tarefa fácil; foi preciso passar por toda uma crise de paradigmas no século XX. A tão propagada crise dos paradigmas deu novos caminhos para a História, as grandes certezas foram postas em dúvida, a própria experiência histórica, com o fim do bloco socialista, por exemplo, deu um grande impacto ao marxismo. O pensamento marxiano foi posto em xeque, os determinismos foram todos questionados, a própria direção da História rumo a um mundo socialista foi abandonada. Esse foi um dos pontos cruciais da crise de paradigmas. Foi preciso revisar todas as teorias da História. Não foi mais possível pensar em um determinante econômico num mundo, onde a teoria que deu origem e direção a um paradigma de sociedade, encontrou o ponto de esgotamento. Mas a crise de paradigmas deu origem a uma nova concepção de história, a historiografia ocidental redirecionou seus objetivos, objetos, abordagens e problemas.

É nesse contexto de crise de paradigmas que emanam novas concepções históricas, dentre as quais a própria História Cultural. No fim do século XX, já é uma nova forma de abordagem da cultura, porque até então conhecíamos as dimensões da História da Cultura, a qual se destinava ao estudo da cultura mais erudita e de seus clássicos. A História Cultural vem com uma nova perspectiva e abordagem, compreende de modo significativo a cultura popular também, trazendo à tona novos atores sociais, novos objetos e novas abordagens. O centro de tudo é o cultural em suas mais diferentes formas de expressão, na cultura não se privilegiam apenas alguns segmentos sociais, mas tem a pretensão de abordar várias dimensões do mundo social. Foi um momento de abolição dos rótulos culturais e de trabalhar com a cultura em suas diferentes formas de expressão.

Representações da História Cultural



Fonte: Disponível em http://portal.uc3m.es/portal/page/portal/grupos_investigacion/litterae.

Vamos destacar dois livros e um texto que foram nossas primeiras leituras de História Cultural, o que muito nos incentivou a seguir este caminho de pesquisas. O primeiro livro, de Roger Chartier (*A história cultural: entre práticas e representações*, 1990), teve sua tradução para o português nessa data. O segundo livro, de Lynn Hunt (*A nova história cultural*, 1992) e o texto de Roger Chartier (*O mundo como representação*, 1989); essa foi a bibliografia inicial com que Sandra Pesavento começou seu seminário no Mestrado em História da UFRGS, além de todos os demais textos que mostravam as aplicabilidades dos desdobramentos da História Cultural nos diversos países. O foco do seminário começou com a vertente francesa da História Cultural, principalmente com a produção de Roger Chartier, grande amigo de Sandra Pesavento, que várias vezes veio ao Brasil a convite dela, para importantes seminários de pesquisas e demais eventos.

Começo meu comentário a partir do livro de Chartier (*A história cultural*, 1990). Essa obra foi fundamental para nós, na época alunos, ao iniciarmos as reflexões sobre a História Cultural desenvolvida na França. O autor discute, na obra clássica, algumas de suas reflexões sobre a História Cultural em suas diferentes formas de abordagem. Os capítulos discutem questões que são ao mesmo tempo teóricas e empíricas, ou seja, reflexões teóricas e estudos de caso realizados por ele na historiografia francesa. Foi, na época, um marco divisor para todos nós: daí conseguimos perceber diferenças sutis entre a História da Cultura e a História Cultural. Depois esse campo começou a tomar uma proporção significativa na França e foi divulgado para os diferentes pesquisadores no mundo. Afinal, Chartier é professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, onde são oferecidos seminários de estudos avançados para pesquisadores de diferentes partes do mundo; com isso a História Cultural logo tomou uma grande proporção e divulgação para muito além da França.

Outra obra de referência é o livro de Lynn Hunt (*A nova história cultural*, 1992), trabalhada na íntegra no nosso seminário, mostrando uma versão norte-americana da História Cultural. São textos que nos mostram exemplos de estudos de caso nos Estados Unidos, mas com um ponto em comum com a História Cultural francesa: em ambos os casos, eles trabalham com representação/apropriação, seguindo um pouco o que Chartier reflexiona em suas obras. A importância do livro foi registrar a expansão da História Cultural para além da França, inclusive mostrando autores franceses que deram origem às reflexões básicas nesse campo temático. O mais curioso deste livro é que nós lemos todos os textos em inglês, o que foi um grande exercício para os mestrandos, e, logo depois do encerramento do seminário, o livro teve uma tradução para o português.

O terceiro é um clássico de Roger Chartier (*O mundo como representação*, 1991). Nunca vi um texto ser tão discutido em tantos lugares. Esse material abriu caminhos para a História Cultural no Brasil. Nele, Chartier aborda os conceitos de representação e apropriação, sendo uma referência fundamental para todos os que, de alguma forma, discutem a História Cultural. As noções de representação e de apropriação abriram caminhos para o entendimento dos imaginários sociais, nos dando uma forma mais exata daquilo que fora pensado e imaginado em diferentes contextos de pertencimento. No início das discussões sobre a História Cultural no Brasil, o conceito de representação parece que foi uma tônica geral, todos queriam discuti-lo em suas pesquisas; com o passar do tempo, foi-se mostrando que os interesses da História Cultural são bem mais amplos que a noção de representação.

Sandra Pesavento seguiu muitos conceitos de Roger Chartier ao trabalhar com a História Cultural. Parece que foi o responsável por uma grande guinada em sua vida acadêmica; ela demonstrou este interesse em várias de suas obras publicadas a partir de 1990. Já em seu livro *500 anos de América: imaginário e utopia* (1992), a autora demonstrou isto através da História Cultural, trabalhando com a noção de imaginário e aplicando alguns conceitos em estudos de casos dirigidos. Algo que também estava presente em seus artigos. Logo após seus seminários na UFRGS, a História Cultural ganhou espaço e simpatia de seus seguidores, vindo lentamente a se configurar como mais um campo de abordagem no Rio Grande do Sul e demais Estados. No final dos anos de 1990, Sandra Pesavento mostrou explicitamente a escolha por esse campo de abordagem, e, em sua obra *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* (1999), ficou clara sua opção por trabalhar com a História Cultural.

Uma década depois, já nos anos de 2000, a História Cultural consegue reconhecimento mundial, quando o historiador britânico Peter Burke lançou a obra *Variedades da história cultural* (2000), indo muito além dos estudos franceses e divulgando para o mundo a concretização desse campo de abordagem. Peter Burke continuou suas reflexões em suas obras posteriores, como no livro *O que é história cultural?* (2005). Os caminhos da História Cultural estavam mais definidos, agora com tendências de várias partes do mundo: o que era exclusividade da historiografia francesa passaria a ampliar seus domínios. Ainda em 2004, Sandra Pesavento lançou o livro *História & história cultural*, configurando definitivamente esse campo no país. A tradução de algumas obras no Brasil foi fundamental para o entendimento das variedades da História Cultural, enfatizando, inclusive, os recentes estudos de caso.

Nos anos de 2000, muitos cursos de pós-graduação em todo o Brasil abriram espaços para a História Cultural. Em seus programas, foram criadas linhas de pesquisas que abordam essa temática. Desta forma, iniciou-se uma série de trabalhos com estudos de casos no Brasil, revelando uma diversidade muito grande de pesquisas que enfatizam a diversidade da cultura brasileira. Também nessa década, foi criado o *GT História Cultural*, na ANPUH, sob a coordenação de Sandra Pesavento, que passou a oferecer os simpósios nacionais de História Cultural. Com o GT foi possível reunir pesquisadores brasileiros e internacionais para uma discussão mais problematizada e com possibilidades de trocas de experiências entre os participantes. Os simpósios de História Cultural foram marcados pela qualidade de suas discussões e, a partir de então foram publicadas várias obras revelando a diversidade da História Cultural no Brasil.

Os trabalhos mais recentes de História Cultural, tanto aqui no Brasil, quanto no exterior, marcam um campo bem problemático de abordagens. São objetos e temas variados que permitem, num primeiro momento, o entendimento das mais diversas clivagens possíveis na cultura. Pode-se observar uma certa tendência à cultura mais popular, mas hoje são quase que impossíveis as antigas divisões culturais, pois a cultura por si mesma é diversa. Entretanto, mesmo assim, observa-se uma tendência quase natural do interesse por segmentos sociais excluídos tradicionalmente dos arranjos culturais mais eruditos. A História Cultural configura-se de uma forma autêntica e soberana, não devendo nada para as demais classificações historiográficas, pois se utiliza de todo um referencial teórico e metodológico capaz de fornecer elementos e técnicas para a elaboração de um conhecimento com qualidade e credibilidade.

O entendimento da cultura numa sociedade multicultural é um desafio constante para os historiadores. Neste sentido, a História Cultural apresenta-se como uma possibilidade de entendimento da complexidade dessas sociedades. As novas tecnologias de comunicação tornaram a cultura cada vez mais dinâmica; pode-se inclusive apontar para um mundo com predomínio das imagens, tanto fixas, quanto em movimento. Neste contexto, o historiador está sendo testado a trabalhar com as representações imagéticas que configuram uma forma muito específica de entendimento da realidade. As imagens são todas representações, uma forma de se expor no mundo e também uma possibilidade de expressão de diferentes segmentos sociais. Sendo, todas, objetos da História Cultural, pois são expressões de uma cultura vivida em diferentes formas.

As fotografias abrem uma janela para o mundo: pequenas observações

O advento da fotografia marcou decisivamente uma nova forma de ver o mundo, pois era vista no século XIX apenas como uma cópia fiel da realidade, dada a sua grande diferença da obra de arte. A fotografia em preto e branco, um realismo cru, e a obra de arte com todas as suas cores geravam quase uma ilusão de realidade. Em seus primeiros anos, a fotografia era quase um excesso de realidade, era muito crua, transformava o mundo colorido em apenas duas cores: preto e branco. Isso causou um grande espanto para quem via as imagens, causando um verdadeiro choque perante aquela representação visual. Esse discurso da fotografia no século XIX, de espelho fiel da realidade, causou grande polêmica, mas os artistas não o aceitavam, pois acreditavam na visão da arte sobre a realidade, um certo realismo, tendência da arte naquele período. A fotografia veio para democratizar a memória, não para concorrer com as obras de arte; ela surgiu num momento de avanço da própria ciência em demonstrar a capacidade técnica de intervenção na realidade.

A fotografia comporta dois tipos de mediações: uma técnica (o equipamento fotográfico) e uma humana (o olhar do fotógrafo), mas, discutia-se muito, no século XIX, se era o produto da técnica ou um produto da arte, inclusive era denominada como “arte fotográfica”. Os discursos são vários, mas vamos optar pela questão das mediações técnica e humana, o que nos parece mais esclarecedor para o entendimento da fotografia como um produto cultural. Mas, afinal de contas, por que um produto cultural parece uma questão complexa, mas ao mesmo tempo esclarecedora? Porque é o produto de uma cultura, pois depende do avanço tecnológico de uma determinada sociedade, sendo fruto de várias pesquisas sobre captação de imagens desenvolvidas por cientistas e artistas que trabalhavam com imagens. Portanto, é fruto de técnicas e investimentos até à sua patente oficial na França; a partir deste evento de reconhecimento público da fotografia, ela passou a fazer parte integrante da cultura das sociedades.

Uma das primeiras técnicas de captação mecânica de imagens, conhecido como daguerreotipia, necessitava de investimentos no equipamento fotográfico. Essa técnica, que iniciou na França, logo seguiu pelo mundo com os novos apaixonados pela captação de imagens mecânicas, surgindo desta forma os primeiros fotógrafos. Os fotógrafos espalharam-se pelo mundo em busca de imagens: eram verdadeiras expedições fotográficas captando imagens/monumentos em lugares consagrados da memória, e criando todo um conjunto de elementos visuais que foram sendo incorporados à cultura. O mundo passou a ser reconhecido por pessoas sem necessariamente estarem nos lugares, apenas por meio de lembranças

registradas de lugares e monumentos que representavam parte significativa da memória e da história.

Depois de Daguerre, na França, a história social da fotografia ganhou novos parâmetros em vários lugares do mundo, sendo criados novos equipamentos fotográficos para aperfeiçoar o ato fotográfico. Ateliês fotográficos surgiram nas grandes capitais, tornando-se espaços consagrados para a tomada da imagem com novas formas de representação. Os ateliês representavam o sucesso do mundo burguês, que procurou a melhor forma de representação de sua imagem, pois anteriormente toda pessoa de posses tinha o seu retrato feito por um pintor, mas com a fotografia isso se popularizou e as imagens multiplicaram-se, criando, mais tarde, o próprio *Carte de Visite*, um cartão de apresentação com a própria fotografia. Os fotógrafos mais famosos, tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos e mais tarde inclusive no Brasil, trabalhavam nos seus ateliês e também faziam expedições fotográficas; eram os verdadeiros fotógrafos-historiadores, pois mesmo nos lugares mais remotos, onde não havia uma memória escrita, a fotografia representava uma memória visual.

Os avanços da fotografia no século XIX foram incríveis, pois as imagens eram utilizadas nas comprovações científicas, na identificação e mais tarde na imprensa, contribuindo decisivamente para uma nova forma de interpretação da realidade. Os próprios artistas, que no começo eram críticos da fotografia, se renderam ao seu encanto e começaram a utilizá-la como base de suas obras. Nas ciências os progressos foram também incríveis, pois foi possível a identificação de determinados seres até então somente vistos por desenhos. Mas a grande revolução foi o uso das fotografias na imprensa, pois a partir de então pudemos ter uma nova interpretação dos acontecimentos, que eram fotografados e comentados. Em alguns casos, das fotografias com legenda, as imagens eram bem mais expressivas que os comentários escritos, mas, enfim, criou-se uma nova forma de comunicação visual. Ademais, as fotorreportagens em jornais e revistas ilustradas mostram a forma mais cotidiana de como as pessoas vivem, bem como seus imaginários, ou seja, a forma como desejam ser retratadas.

Os fotógrafos foram os principais pesquisadores na tecnologia fotográfica, pois, entendendo do ofício, alguns desenvolveram novas tecnologias aplicadas aos equipamentos e processos químicos de obtenção e revelação das fotografias. Com a descoberta invenção das câmeras portáteis, a fotografia tomou um novo rumo: caiu no gosto popular, pois a partir de então qualquer amador poderia fotografar, deixando de ser privilégio dos ateliês e dos famosos fotógrafos. Assim, ela conquista a vida cotidiana das pessoas. Daí em diante, todos passariam a fotografar os momentos cotidianos das famílias, as viagens, as cidades e inclusive

o interior das casas, nos revelando aspectos fundamentais da vida cotidiana. Como bem observa Pierre Bourdieu (1965), começariam a serem feitos os álbuns de família, uma verdadeira história visual da família, com o registro de momentos marcantes, as festas, os ritos de passagem, enfim, a vida familiar. Nesta tarefa, as mulheres têm um papel preponderante, pois são elas que iniciam a organização os álbuns de família.

Entretanto, mesmo com a popularização da fotografia com os fotógrafos amadores, a profissional continua tendo o seu encanto, pois muitas vezes, a marca d'água em uma fotografia revela o ateliê onde foi feita, o que ainda demonstraria o seu *status*; afinal os fotógrafos profissionais sempre foram os que mais entendiam de técnicas fotográficas, bem como sua mediação pelo olhar. Por essa razão, conseguem uma fotografia com uma melhor organização espacial, e mesmo com os efeitos de luz e sombra, ganhando a credibilidade da população ávida por se representar visualmente. Os fotógrafos profissionais também saem de seus ateliês e vão para os espaços cotidianos, cobrindo eventos e ritos de passagem, pois muitas vezes o álbum fotográfico demonstrava o *status* dos retratados. É uma forma de construção da memória familiar, tanto pelos profissionais, quanto pelos amadores, porque o importante é ter o registro daquilo que aconteceu na vida das pessoas retratadas.

Com os constantes avanços da indústria fotográfica já no século XX, a fotografia continuaria, ao menos na primeira metade deste século, a ser considerada uma arte fotográfica. Os ateliês destacavam que faziam todo o ofício da arte fotográfica, o que significava: fotopintura, fotomontagem, retoques, enfim, tudo para uma representação o mais ideal possível. Talvez este seja um dos grandes desafios daquilo que os fotógrafos chamariam de “arte fotográfica”, atingir uma representação fotográfica mais próxima à obra de arte. E foi somente na segunda metade do século XX que o discurso mudou, quando começariam a considerar a fotografia como uma transformação da realidade, ou seja, não era tal qual se representava, mas como se criavam modelos de representação idealizados. Ela já não é um espelho fiel da realidade, mas uma transformação da mesma. Com isso, esta nova série de discursos abrange todo um conjunto significativo de imagens, tanto dos profissionais como dos amadores.

Um dos pontos que mais chamou a atenção da fotografia no século XX foi a sua forma de registro da realidade, ou, mais especificamente, de realidades; assim, pode-se dizer que os fotógrafos participaram ativamente de todas as transformações das sociedades. Eles saíram dos estúdios fotográficos e foram às ruas cobrir os acontecimentos, muitos deles em missões fotográficas pelo mundo, inclusive nos momentos mais conflitantes do século, como nas

guerras mundiais. Os fotógrafos foram para as trincheiras das guerras, cobrindo as transformações do mundo em constante movimento, e a fotografia deixou lentamente de ser uma arte e tornou-se algo documental. A fotografia documental consegue estabelecer visualidades que comprovam os distintos acontecimentos das sociedades, não apenas os grandes fatos, mas também a forma como vivem as populações no mundo, seus problemas, suas perspectivas e seus sonhos. Mesmo a fotografia documental tem o seu encanto, pois, além de sua função de registrar acontecimentos, ela consegue ser objeto de admiração.

A fotografia, como um produto cultural, consegue estabelecer uma série de questões importantes no mundo contemporâneo, porque, além de artística, documental, ilustrativa e mesmo comprobatória, ela está entre os mais destacados meios de comunicação. As imagens circulam com grande facilidade, sendo a fotografia um suporte de retenção e construção de memórias, pois comporta expressivamente o acervo de museus, arquivos e galerias. Essa capacidade de a fotografia reter e democratizar a memória é o que a torna um produto cultural de grande expressão, pois contempla elementos significativos da vida dos diferentes povos; podemos até dizer que grande parte do conhecimento das culturas está no suporte das fotografias. Ela deixa de ser uma simples ilustração da cultura escrita para ser também um objeto de entendimento da memória social. Desta forma, torna-se parte da construção do conhecimento e, se anteriormente era utilizada tão somente como uma ilustração, passou a ser objeto de conhecimento.

Cartier Bresson: o olhar do século



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Henri_Cartier-Bresson.

Na figura, Henri Cartier-Bresson, considerado um dos mais importantes fotógrafos-historiadores, que fizeram grandes missões fotográficas pelo mundo, possibilitando uma maior circulação da fotografia, pois mesmo em lugares onde não havia um conhecimento escrito (história escrita), já era possível contar com o registro fotográfico. Neste sentido, a fotografia aparece como um importante documento para a construção do conhecimento histórico e embora seja considerada como uma representação visual, ela se mostra capaz de documentar situações, eventos, monumentos e grandes espaços consagrados da memória social. Estas missões foram de fundamental importância para o conhecimento do outro, estabelecendo, desta forma, uma relação de alteridade, pois foi possível ver as diferenças sociais, como também os tipos sociais em suas variadas formas e arranjos de vida. Documentar o outro foi, e continua sendo, uma missão crucial no processo de entendimento do que hoje podemos chamar de multiculturalismo.

Os fotógrafos-historiadores tiveram um papel fundamental no Brasil, pois registraram com grande riqueza de detalhes a cultura brasileira e os novos espaços de colonização nas diferentes regiões. Tivemos aqui a presença constante de fotógrafos estrangeiros que vieram fotografar a nossa realidade, como também alguns que vieram fixar residência local, estabelecendo-se com seus estúdios. Esses fotógrafos estrangeiros foram fundamentais para o que podemos denominar de cultura fotográfica brasileira, pois foram os pioneiros da fotografia no país. Os que ficaram conseguiram formar um magnífico acervo de imagens que são capazes de reconstruir significativamente a história brasileira; eles são riquíssimos, tanto em quantidade como em qualidade, pois revelam aspectos inéditos da cultura dos diferentes tipos sociais que compõem a sociedade brasileira. O que podemos considerar é que existem muitas imagens sobre o Brasil, porém, poucos estudos historiográficos utilizam essas imagens como objetos de pesquisa.

Nas novas áreas de colonização, principalmente no Sudeste e no sul do Brasil, os fotógrafos-historiadores tiveram presença fundamental, pois, com as primeiras levas de imigrantes, já vieram junto esses profissionais. Desta forma, conseguiram documentar todo o processo de ocupação social do espaço de imigração, como também alguns para morar nas capitais, estabelecendo-se com seus estúdios. Isso causou um incremento na cultura fotográfica, pois foi possível acompanhar e documentar todo o processo de imigração e transformação dos espaços pelos novos habitantes vindos da Europa para colonizar as áreas até então não ocupadas por brasileiros. Os acervos fotográficos das regiões de imigração são

extremamente ricos em detalhes, e mostram que a colonização foi um projeto para a ocupação social dos espaços, transformando-os em produtivos para o capitalismo brasileiro.

Uma das mais importantes reflexões feitas por historiadores que trabalham com imagens fotográficas é pensar a importância da cultura fotográfica para a cultura brasileira. Essa dimensão da cultura é parte integrante de todo um conjunto de símbolos e significados que vão, aos poucos, incorporando-se aos diferentes sistemas de representações. A cultura fotográfica integra os diferentes sistemas de produção da imagem, seja da fotografia profissional ou amadora, também comportando um conjunto significativo de imagens que revelam as diferentes formas de expressão da cultura. Desta forma, insere-se a fotografia nos sistemas culturais como uma forma de circulação de significados e significantes, ou seja, dando um valor fundamental para a imagem como possibilidade de expressão e comunicação, tanto a fotografia documental como a artística, ou mesmo a amadora. Não é mais possível pensar apenas na fotografia profissional como forma de expressão, pois a amadora também é uma prática cultural dos diferentes grupos sociais, desta forma, participando ativamente do processo de registro de situações de vida dos atores sociais.

A fotografia é parte integrante dos processos de comunicação e expressão, ela participa ativamente de uma forma de olhar o mundo, sendo uma verdadeira mediação feita pelo olhar do fotógrafo. Ele recorta uma cena da realidade e a capta através da câmera fotográfica. Quando visualizamos uma fotografia, por mais perfeita tecnicamente que possa aparecer, ela é, sobretudo um olhar direcionado e recortado pelas representações que o fotógrafo tem em sua bagagem cultural. Aqui temos que estabelecer que existem diferenças significativas entre o olhar de um fotógrafo profissional e o de um amador, pois as concepções sobre a imagem são diferentes. Devido a essa dicotomia, é importante salientar a forma de expressão da fotografia, que não apenas registra algo num suporte (físico ou digital), mas é dada como um conjunto de elementos que registram uma determinada realidade. Em outras palavras, ainda é necessário o referente para a captação da imagem, alguma coisa física ou pessoa, enfim, um sujeito para a captação da imagem no ato fotográfico. Isso nos faz refletir sobre os usos sociais da fotografia, até que ponto ela pode ser utilizada como prova documental para o conhecimento e o quanto ela tem a ver com a realidade que representa.

Segundo Dubois (1994), no fim do século XX a fotografia apresenta-se como um signo, ou seja, ela, até certo ponto, ainda tem a ver com a realidade, não sendo um documento fiel, mas uma representação, mesmo assim servindo como documento. Essa concepção da fotografia oferece uma possibilidade de trabalharmos com a subjetividade e a polissemia da

imagem, pois a mesma é sempre um produto cultural que traz consigo todas as formas de subjetividade. Neste sentido, pode-se perceber que dentre os produtos culturais representativos, a fotografia participa ativamente das formas de expressão dos sistemas culturais, pois deixou há muito tempo de ser um espelho fiel da realidade e passou a ser um produto que a representa. O conjunto de imagens que temos espalhado pelo Brasil é extremamente significativo, motivo pelo qual devemos incentivar os pesquisadores a utilizarem as fotografias como objetos de pesquisa, pois as mesmas são reveladoras para a memória social.

Conclusão: Palavras Finais

As relações mais aproximadas entre História Cultural e fotografia devem-se ao fato de a fotografia ser um produto cultural e, ao mesmo tempo, um meio de circulação da cultura. Essas relações também contemplam a possibilidade de se pensar a fotografia como um conjunto de representações visuais, sendo objeto atualmente da própria cultura visual. São, enfim, várias formas de se abordar a problemática da fotografia, tanto que comecei as reflexões com as noções de cultura fotográfica dentro da História Cultural. A cultura fotográfica e a cultura visual nos permitem uma abordagem mais sistemática e ao mesmo tempo problematizada, pois, como objetos, as imagens nos dão muita margem para a subjetividade e a polissemia. As imagens são extremamente subjetivas e polissêmicas, ou seja, com múltiplas possibilidades de análise e interpretação, sendo esta uma das tarefas dos historiadores que trabalham com as mesmas: prestar muita atenção nos problemas que podem surgir com estas fontes.

A História Cultural, desde as suas primeiras discussões, já contemplava os usos sociais das imagens como fonte de pesquisa. Os historiadores sentiram-se muito animados, pois, enfim, depois de uma verdadeira revolução com a terceira geração dos *Annales*, as novas fontes estariam contempladas no ofício do historiador. Mas, realmente, um tratamento mais metodológico da imagem para a construção do conhecimento histórico estaria mais próximo mesmo é da História Cultural, abrindo, a partir de então, as possibilidades de contemplação de fontes mais subjetivas na História. Desta forma, o conhecimento histórico passaria a um novo patamar de discussões, pois contemplaria vivências mais voltadas para o cotidiano dos atores sociais, das paisagens às imagens das cidades, dos monumentos até as variedades da cultura, enfim, um novo universo passaria a ser configurado pelo historiador.

As fotografias permaneceram, por muito tempo, sendo apenas ilustrações do texto escrito, eram complementares, para ilustrar mesmo ou reforçar algum argumento; os usos pelos historiadores eram muito restritos, pois não se acreditava no potencial da fotografia para se configurar como objeto de pesquisa. Porém, depois se verificou que as mesmas não são meros acessórios, sendo, antes de tudo, um suporte que representa uma forma de documento das mais diversas situações em que os atores sociais vivem na sociedade contemporânea. Muitas vezes aquilo nem existe mais e está apenas presente no suporte da fotografia, com uma visão de como era o mundo no passado, como eram as pessoas, as situações, os monumentos, as cidades, os tipos sociais, tudo o que pôde ser retratado pela fotografia. Com as fotografias, assim, temos as sensações de um mundo em transformação, com a fixação de um pouco daquilo que não existe mais e uma parte daquilo que monumentalmente ficou para a memória social.

Os discursos sobre a fotografia mudaram muito desde o século XIX até o momento atual, mas, mesmo assim, ela não perdeu o seu valor e significado, pois, embora com as imagens em movimento, que poderiam ameaçar a sua sobrevivência, ela continua a fazer parte da vida das pessoas. Os suportes modificaram-se, pois a indústria fotográfica mudou e muda muito rapidamente, mas suas formas de expressão continuam a circular nos mais variados meios de comunicação. O mundo vem tornando-se cada vez mais imagético; as imagens dominam os meios de circulação da cultura, e os historiadores não podem deixar de interpretá-las, pois elas trazem consigo sinais evidentes daquilo que acontece ao nosso redor e em outros espaços do planeta. Não temos mais como pensar em construir conhecimento histórico sem considerar a possibilidade latente da imagem: ela expressa e representa aspectos muito significativos do real; ademais, antes da escrita já havia imagens para representar o homem, o que as torna tão antigas como a escrita.

As fotografias, tanto as mais antigas como as contemporâneas, são evidências plausíveis dos acontecimentos, o fascínio é tanto que até os fotógrafos mais contemporâneos continuam fotografando em preto e branco, evidenciando os contrastes das imagens. Podemos citar neste caso o trabalho social de Sebastião Salgado, um dos fotógrafos mais expressivos e conhecidos mundialmente por seu trabalho naquilo que ele mesmo denomina de “fotografia social”, denominação que talvez nos sirva para pensarmos num mundo com mais detalhes significativos da experiência humana. A fotografia social nos serviria como uma janela para pensarmos na diversidade da cultura da população em diferentes lugares; seria uma possibilidade de conhecermos com mais detalhes a memória social, em busca de uma história

cada vez mais próxima da experiência humana, pois a fotografia invade o mundo social, o cotidiano e o imaginário, enfim, todas as formas de vivência.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Um art moyen**: essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris: Les Editions de Minuit, 1965.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989)**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2004.

CANABARRO, Ivo dos Santos. **Dimensões da cultura fotográfica no sul do Brasil**. Ijuí: UNIJUÍ, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, S.A., 1990.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 5, n.11 p. 173-91, janeiro-abril 1991.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.

_____. Verbete Imagens. In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, p. 407, 1993.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FALCON, Francisco. **História cultural**: uma visão sobre a sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FREUND, Gisele. **Photographie et Société**. Paris: Editions du Seuil, 1977.

FRIZOT, Michel (Org.). **Histoire de Voir**. Paris: Nathan/Centre National de la Photo, 1989.

_____. **Nouvelle histoire de la photographie**. Paris: Adan Biro/Larousse, 2001.

_____. **Du bom usage de la photographie**. Paris: Centre National de la Photo, 1897.

HUNT, Lynn (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

MAUAD, Ana Maria de S. A. Essus. **Sob o signo da imagem:** a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Niterói, UFF, Programa de Pós-Graduação em História Social, (Tese de doutorado), 1990. 2 v.

_____. Através da Imagem: Fotografia e história – Interfaces. In: **Revista Tempo**, v. 1. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 73 -98, 1996.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. v. 23, n. 45. São Paulo: ANPUH / Humanitas Publicações, p. 11-36, 2003.

NORA, Pierre. Historiens, Photographes: Voir et Devoir. In: CAUJOLLES, Cristian (Org.). **Éthique, esthétique, politique**. Arles: Actes Sud, 1997.

PENN, Irving. **Worlds in a small room**. As an ambulant studio photographer. London: Martin Secker & Warburg Limited, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **História cultural:** experiências de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2003

_____. **500 anos de América:** imaginário e utopia. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

_____. **O imaginário da cidade:** visão do literário. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ROUILLÉ, André. Da arte dos fotógrafos à fotografia dos artistas. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n .27. Brasília: IPHAN, 1998.

SAGNE, Jean. **L'Atelier du photographe**. Paris: Presses de la Renaissance, 1984.

SENAC, DN. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. ZUANETTI, Rose; REAL, Elizabeth; MARTINS, Nelson (et.al). Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos – a fotografia e as exposições na era do espetáculo**. Rio de Janeiro: Roço, 1995.

_____. Uma cultura fotográfica. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 27. Brasília: IPHAN, 1998.

¹ Pós-doutorado pela UFF. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense e Universidade de Paris III. Professor no PPGD em Direitos Humanos na UNIJUÍ: Universidade do Noroeste do Rio Grande do Sul. icanabarro@yahoo.com.br